

OPINIÃO

ENTRELINHAS

DE MALA E CUIA...

Há meses pairava no ar uma dúvida sobre se o ex-prefeito e ex-deputado Rodrigo Agostinho (PSB) disputaria a eleição deste ano em Bauru. A dúvida foi desfeita nos últimos dias, quando Rodrigo chegou à cidade após percorrer 904 quilômetros de estrada com sua picape cheia de malas, cachorro, papagaio etc. Ele ainda não fala abertamente, mas veio para ser pré-candidato a deputado federal na eleição de 4 de outubro.

20 CANDIDATOS

As convenções partidárias que definirão as candidaturas estão chegando. Serão realizadas de 20 de julho a 5 de agosto. Tem pré-candidato mais ligeiro que até já conseguiu um bom número para a candidatura, daqueles que ajudam o eleitor a memorizar mais facilmente. Até o momento, Bauru já tem 8 pré-candidatos a deputado federal e 12 a estadual. Um número inferior aos 35 que se aventuraram em 2022 (18 a estadual e 17 a federal).

SARDIN ANALISA

O vereador Miltinho Sardin (PSD) foi convidado pelas direções local e estadual de seu partido para ser candidato a deputado federal, compondo chapa com Lúcia Rosim (PSD), pré-candidata a deputada estadual. Ele deverá ir a São Paulo nesta semana para discutir as condições de estrutura que pode ter para enfrentar uma maratona eleitoral de cerca de três meses. Quem preside o PSD em Bauru é a prefeita Suéllen Rosim.

‘MATANÇA URBANA’

Defensor e promotor da preservação ambiental, o vereador Márcio Teixeira (PL) não poupa críticas à falta de fiscalização e regulação da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semma) ao que chama de “matança urbana” realizada em escala pela CPFL - concessionária de energia elétrica. Ainda neste governo, desde o ano passado, a própria Semma autorizou a CPFL a decepar 1.000 unidades de árvores para “limpar a fiação elétrica”. Conforme o JC mostrou na edição anterior, em matéria de Nelson Itaberá, 83% das árvores de Bauru estão danificadas.

VAN DER MAAS

Mais seis quarteirões da rua Padre Francisco Van Der Maas, no Jardim Contorno, importante ligação entre a Nações Unidas e a avenida Cruzeiro do Sul, receberão pavimentação. A licitação para execução de recape asfáltico nos quarteirões 9 a 14 e do acesso à Nações Unidas foi publicada no Diário Oficial de quinta-feira (18). O início do recape da via, há alguns meses, foi feito através de emenda parlamentar do deputado federal Arnaldo Jardim (Cidadania), via vereador Arnaldinho Ribeiro (Avante), que desde o início do mandato atua para viabilizar a providência. O término será feito com recursos próprios da prefeitura.



Heróis na guerra e no futebol

ZARCILLO BARBOSA

O Haiti foi palco da maior revolta escrava de toda a história do mundo e a única da América em que os rebeldes acabaram vitoriosos. Escrevo antes do jogo do Brasil, por exigência editorial, e espero que a maior nação negra surgida da mais importante colônia francesa não tenha aprontado contra a seleção dirigida pelo “mister” Ancelotti.

Em 1791 no Haiti, os escravos deixaram as senzalas e invadiram a casa dos seus senhores. Mataram os brancos, violentaram suas mulheres e filhas, queimaram canaviais e plantações de café. O imperador Napoleão Bonaparte mandou 50 navios cheios de soldados para tentar retomar o poder e reimplantar a escravidão. Nem assim. Os negros mostraram do que são capazes os que têm sede de liberdade. O herói dessa guerra foi Toussaint L’Ouverture, um negro que havia sido escravo até os 45 anos de idade. Neutralizou os franceses e ainda conteve as tentativas de invasão de britânicos e espanhóis que acharam fácil derrotar uma “horda de ignorantes” negros e que só sabiam manejar a enxada.

Pena que, na continuidade, a história não tenha sido condescendente com o Haiti, hoje dominada por grupos armados e antagonicos entre si.

Voltando ao assunto do momento lembro o livro de Mário Filho, que escreve

sobre “O negro no futebol brasileiro”. O autor, irmão de Nelson Rodrigues, foi tão importante que o Maracanã tem o seu nome. A obra é o mais completo ensaio sociológico sobre o nosso futebol. Um livro que denso, vigoroso, genuíno, sobrevive ao tempo falando de figuras humanas, algumas delas transformadas em lendas pela mitologia popular.

Há uma revelação sobre Arthur Friedenreich, um imortal do nosso futebol. Conheci-o quando já aposentado e beirando os 70 anos. Fazia relações públicas para a Antarctica e vinha sempre a Bauru, onde a marca produzia o também famoso guaraná. Fried tinha pele azeitonada, olhos verdes, filho de alemão com mulata, cabelos alisados a fogo para não mostrar o pixaim. Imagino-o jogando no Fluminense, um clube de elite, fechado aos pretos. Conta o livro o seu martírio antes de entrar em campo; esfregava a cabeça com complicados preparados, depois enrolava a toalha e esperava assentar. Esse ritual exigia tempo e por causa disso era sempre o último a entrar em campo, às vezes com os dois times perfilados para a saída. Nem Pelé conseguiu bater o seu recorde de gols em campeonatos. Naquele tempo o futebol era praticado por filhinhos-de-papai. Havia sido introduzido no Brasil por Charles Miller, de pai escocês e mãe brasileira. Foi ele que trouxe da Inglaterra onde estudou, a primeira bola de futebol e as botinas especiais para a prática do esporte. Depois de

muito tempo as pessoas comuns do povo começaram a jogar, gostaram e viram nesse esporte um meio para conquistar seu lugar ao sol na fechadíssima e rançosa sociedade brasileira. Hoje ninguém mais percebe que a Seleção do Brasil tem 20 jogadores negros ou pardos, dentre os 26 convocados. Evoluímos.

Houve um jogador branco no Botafogo do Rio, chamado Heleno de Freitas que conseguiu ofuscar os craques negros. Pena que sua época tenha coincidido com a II Guerra Mundial, quando não houve Copa do Mundo. Heleno dizia-se formado em Medicina, o que nunca se confirmou. Vinha da alta sociedade carioca. Cabelos brilhando de tanta Glostora. Conseguiu ofuscar Leonidas da Silva, o inventor do gol de bicicleta. Heleno era um centroavante comprometido com o estilo clássico, requintado, exato. Todos os seus movimentos em campo eram perfeitos e retocados por inigualável beleza plástica. O clube tinha que mandar fazer suas camisas sob medida. Uma vez a torcida decidiu chama-lo de Gilda – referência ao filme de sucesso na época, com Rita Hayworth. Heleno deixou a elegância de lado, baixou as calças e exibiu os “cojones” para a torcida.

Acabou num hospício. À noite revirava uns velhos recortes ao seu respeito. Morreu abraçado a uma bola, velha e murcha. Só assim encontrou a paz.

● O autor é jornalista

O Salto

sem autorização.

Se colocar no lugar do outro, pensando a dor de seus familiares e em como seus últimos segundos de vida devem ter sido aterrorizantes, enquanto caindo, talvez tenha tido tempo de entender a falta do instrumento de segurança que a estava levando para o seu fim, tão precoce.

O tamanho desta tragédia é devastador de todos os lados, por todos orifícios, mas se potencializou pelos comentários que denunciam a perversa e sádica falta de empatia à dor do outro, uma epidemia social que segue desamparada e que, infelizmente, faz indivíduos conseguirem rir das coisas mais bizarras.

Não ter controle sobre o próprio pensamento ou agir com impulsividade pode ser nomeado do ponto de vista psicopatológico e é possível tratamento. Mas em todos os casos, devemos ter clareza para tratar o assunto de forma urgente e com seriedade, discriminando a linha tênue entre o normal e o patológico.

Diante de situações assim, sentir a dor das pessoas envolvidas e se solidarizar é uma forma de denúncia a uma sociedade vezes doente e sem referencial, capaz de normatizar absurdos que fermentam a curiosidade destrutiva.

No mundo da falta de rigor para postar sem a permissão do outro, onde o trabalho privado é facilmente atravessado pelo público das redes sociais, é preciso tomar cuidado. Nesta história, era uma moça que tem uma família ainda viva, convivendo com o luto da perda, da tragédia, da ausência que configura um descuido e despreparo de todos os envolvidos.

Meus sentimentos a todos os familiares. Música “Sea Change”, de Stephan Moccio.

● A autora é psicanalista, especialista pela USP – Departamento de Psicologia, Psicóloga Clínica formada pela USC, responsável pelas páginas @zogheibclaudia, @cinemaeartenodiva, @livros.no.diva, @auguri_humanamente